

SOBRE FESTAS JUNINAS

José Antônio de Ávila Sacramento

“Vou passar o mês de junho / nas ribeiras do sertão / onde dizem que a fogueira / ainda aquece coração / pra dizer com alegria / mas chorando de saudades / não mudei meu São João / quem mudou foi a cidade.” (São João Antigo - Zé Dantas e Luiz Gonzaga)

Sob a euforia maior das Festas Juninas e das quadrilhas que atualmente não se resumem ao mês de Junho, mas avançam por todo o mês de Julho sob o epíteto de *Festas Julinas*, achei por bem escrever e comentar a respeito de alguns aspectos desta tradição.

Câmara Cascudo escreveu que Quadrilha “é a grande dança palaciana do séc. XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo ‘marcante’, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial até os sertões.”

Depois que a dança foi popularizada, ela ganhou o nome atual, que segue a terminologia espanhola e italiana que denomina a contradança feita por quatro pessoas (foi dessa *quadrilha de quatro* que surgiu a Quadrilha tal como a conhecemos). Quem poderia imaginar que a contradança tem algo que ver com “country-dance”? Alguns folcloristas ligaram os fatos e chegaram à conclusão de que durante a Guerra dos Cem Anos (entre a França e a Inglaterra, no séc. XVII) os ingleses levaram essa dança para a França e lá a palavra se afrancesou para “contredance”, referência à dança em que pares executam coreografia frente-a-frente (“vis-a-vis”), e daí a palavra foi aportuguesada para contradança.

Assim, a origem da dança é anglo-francesa e uma coisa é certa: ela chegou ao Brasil através da França, certamente com a chegada das Missões Francesas que aqui estiveram no início do séc. XIX. Por aqui a contradança começou a ser praticada ao ar livre, nas festas de junho, em honra a Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29), obedecendo aos comandos d’um marcador de quadrilha e acompanhada por pelo menos uma sanfona, e incorporou-se rápida e facilmente ao gosto e ao natural espírito festeiro dos brasileiros!

Pereira da Costa informou que a Quadrilha chegou ao Brasil em 1837. Melo Morais Filho ensinou que a dança já era popular no ano de 1853 e se transformado em ofício corporativo profissional dos barbeiros cariocas, que a usavam nas Folias do Divino. O folclorista Carlos Filipe assimilou essa associação e explicou que “é só olhar no calendário e observar que a Festa do Divino, em que se comemora o Espírito Santo, é celebrada muito próxima ao mês de junho e

das datas dedicadas aos santos juninos”. As Festas Juninas são integrantes das chamadas Festas de Inverno, junto com as de Corpus Christi e Divino Espírito Santo. É grande a profusão delas no país, principalmente no Nordeste, onde duram vários dias, e um dos exemplos dessa magnitude é observado no Congresso Nacional: tanto os deputados como os senadores com bases eleitorais no Nordeste dificilmente são encontrados em seus gabinetes ou no plenário durante o mês dos festejos. Todos eles vão para os locais das festas para ficar em contato direto com o povo (os eleitores!). As festas que são realizadas em Campina Grande-PB, Caruaru-PE, Areia Branca e Estância-SE e São Luís-MA chegam a atrair, juntas, bem mais de meio milhão de turistas, fora o povo local.

E os “caipiras” atuais, paramentados com remendos nas roupas, rotos chapéus de palha, roupas de chita e cabelos em desalinho? Na verdade, eles não correspondem ao figurino que deu origem às festas. Se consultarmos os mais velhos, saberemos que em dia de quermesse ou de festa na roça é a ocasião de mais se caprichar na vestimenta; dia de festa é dia de luxo! Nas vésperas, por exemplo, as mães das meninas compravam metros de tecidos reluzentes e bonitos para costurar os vestidos com aplicações de babados e fitas; caprichavam na maquiagem com pó-de-arroz e no lápis de sobrancelha, quem sabe na esperança de que elas arranhassem um pretendente, o que quase sempre acontecia; os rapazes não deixavam por menos, e, para conquistar as moças, usavam brilhantina nos cabelos para os manter bem alinhados, rentes à cabeça. O corte do terno poderia ser um pouco mais justo em relação aos modelos urbanos, mas sem exageros. Usavam camisa de algodão; como junho é mês frio, usavam também as de flanela e, para completar, muita água de colônia. Trata-se, portanto, o atual estereótipo, de aspecto figurativo mais recente, e a indumentária não era tão ridícula e esfarrapada como a que é propositalmente usada atualmente; não, o caipira sempre se ajeitava da melhor forma para estas festas e para outras dos santos e santas de suas devoções.

E as fogueiras? Ora, sem elas as Festas Juninas não têm graça! Muitos desconhecem que tradicionalmente o formato das fogueiras varia de acordo com o santo homenageado. As festas de Santo Antônio devem ter o madeiro da fogueira disposto de forma quadrangular; na homenagem a São João, a lenha deve ser disposta em pé, formando base arredondada, e arrumada inclinadamente, como se formasse uma pirâmide; para a homenagem a São Pedro, a fogueira dever ter a lenha disposta triangularmente da base quadrada para cima (estes arranjos, infelizmente, são tradições praticamente desconhecidas e/ou já perdidas - Vide a ilustração no final do texto).

Pular sobre fogueira, subir no pau-de-sebo e outras brincadeiras também ainda são partes integrantes dessas festas. Barraquinhas de comes-e-bebes com canjica, quentão, pé-de-moleque, pipoca, bolinho de feijão e outros quitutes também são tradicionais. Somam-se às festas as subidas dos mastros com as estampas dos santos festejados e o ato de se enfeitar os terreiros com arcos de bambus, bandeirinhas e lanternas multicoloridas, de seda. Os balões, apesar de divertidos e bonitos, já estão condenados por causarem incêndios, e junho é período de seca. Bombas e fogos também são alguns dos perigos desta época (hospitais registram aumento considerável de atendimentos a pacientes com queimaduras).

Há várias crendices, jogos de sorte e superstições ligadas a estas festas. Uma das crenças é que a água da madrugada do dia de São João é abençoada pelo santo, desde que seja

apanhada na bica antes de o sol nascer, bem de madrugada. Na Fazenda da Boa Mente, no distrito de São Miguel do Cajuru (Município de São João del-Rei/MG), segundo testemunhou a minha mãe, Aparecida de Carvalho Ávila (1922-2005), a “água benta” era apanhada bem cedinho e guardada num garrafão para ser utilizada durante o ano, e aliviava a peste do gado, servia para acalmar tempestades, curar dores de cabeça, afugentar “demônios” etc. Outro testemunho de minha mãe é sobre umas tais “bombas de bambu”, gomos de bambus verdes, cortados e jogados na fogueira para que explodissem, ocasionando o efeito sonoro de bombas porque o efeito dilatante do ar contido no interior dos gomos do bambu provocava os estampidos! A respeito das fogueiras, a minha mãe disse que chegou a ver um tio dela, calmamente andar descalço sobre o braseiro, gritando vivas a S. João, sem queimar os pés, “pois a fé dele era muita!”.

Por fim, observo que atualmente, apesar da grande proliferação das Festas Juninas (e *Julinas*), elas estão acontecendo sem muita preocupação com o purismo; há descuidos na tradição e nos costumes, ganharam música eletrônica e trilhas sonoras que não lhes são adequadas, incorporaram ritmos e instrumentos novos, ganharam ares de modernidade que se ajudam numa parte, noutra, infelizmente, chegam a agredir muito as suas origens e macular a tradição folclórica...



Exemplos das tradicionais arrumações das lenhas para montagens de fogueiras de Santo Antônio, São João e São Pedro.

